

**BERMEJO BARRERA, J. C.: *Pensa-la historia*. Vigo: Ir Indo, 2000. 347 páginas, ilustr. Prólogo de Enrique Gavilán.**

**Por Xosé Anxo FERNÁNDEZ CANOSA**

Nom é a primeira vez que o Prof. Bermejo Barrera publica un libro sobre a historia como actividade e como discurso. De facto, trás umha fase inicial na que a sua obra está dedicada ao mundo da Antiguidade, e de jeito especial à mitologia grega, campo que nom abandonou, desde o ano 1982 inicia os seus trabalhos de reflexom historiográfica com a publicaçom em galego do *Psicoanálise do coñecimento histórico* por Edicións do Castro. No ano 1986, publica *O final da Historia* (Vigo: Xerais). Desde entom, nom volve publicar mais nada em galego sobre este tema, se bem a sua produçom académica sobre os o problema da historia como saber continua, ainda que noutras línguas.

O livro do Prof. Bermejo Barrera estrutura-se ao redor de quatro grandes temas nos que se aglutinam os quinze capítulos que o compoñem. No primeiro destas quatro grandes seções lida com o problema da crise da História, ou melhor dito, a crise do discurso histórico que domina o panorama deste saber trás o desprestígio das características subjacentes de unidimensionalidade, linearidade, etnocentrismo, e necessidade histórica, o que nos situa na fragmentaçom e pluralidade de discursos, nem sempre compatíveis entre si. Além de focar o problema da crise do saber histórico, analisa criticamente os mecanismos que usa o historiador e como manipula, consciente ou inconscientemente, o que manifesta e o que silencia, o que salienta e o que esquece, e como a administraçom da memória, o esquecimento e o silêncio se fai nom de jeito neutro, senom em prol dos valores e interesses compartidos pola sociedade ou o Estado, com os quais concorda o historiador, pertencente a eles ora como membro, ora como assalariado ou funcionário. Isto é, como a história se constitui como um sistema de legitimaçom de estratégias de poder nem sempre confessadas nem ainda advertidas.

A segunda parte é umha prolongaçom temática da primeira, se bem foca mais a crítica dos afazeres do historiador e as falácias comumente admitidas nas que este desenvolve a sua tarefa. Deste jeito, o autor vindica a existência dum espaço entre a história como conhecimento/explicaçom e a história como narraçom, qual é o espaço da «história teórica» que responde a um modelo aberto, proposta que

já figera com anterioridade noutros livros seus como *El final de la Historia. Ensayos de historia teórica* (Madrid: Akal, 1987). Mantendo-se em continuidade com livros anteriores, analisa o conceito de realidade histórica e o mecanismo polo que o documento se torna em si mesmo realidade para os historiadores, dando-lhes umha falsa segurança de possuir um saber que se corresponde com umha realidade, a qual pode ser percebida e expressada tal como realmente é. Mas, afinal, o que resta trás o elaborado discurso histórico, trás as matizadas e complexas análises históricas, é um produto para a açom política e para tentar controlar e conformar a consciência do cidadám.

É neste último campo, o da popularizaçom da história, no que se desenvolve a terceira parte do livro. Isto é, no mecanismo institucional polo qual o produto elaborado pola confraria dos historiadores passa para o conjunto da populaçom e no que encontra a sua utilidade social, o ensino da história no ensino primário e secundário. É aqui, portanto, no que o autor responde à já clássica e repetida pergunta de para quê serve a história e o seu ensino. Toda vez que o ensino da história já nom parece servir, como antano, para formar patriotas —do qual as nossas autoridades educativas e essa escura e anacrónica instituiçom que é a *Academia Española de la Historia* nom parecem ainda ter-se decatado—, as novas perspectivas históricas permitem desenvolver um «esquema da história universal que nom tenha um carácter etnocéntrico, que nom conceba Europa como fim e como o mais elaborado produto da evoluçom histórica». Afinal a história como disciplina que é objecto de estudo no ensino nom superior tem sentido, para o autor, se nom se sustenta como discurso de reafirmaçom dos nossos valores, senom como discurso crítico que nos amostra a contingência dos mesmos e, amostrando-no-la, baseia o respeito polos valores dos outros povos, tendo como referência na confrontaçom de ambos os valores éticos ideais.

Na quarta parte, o livro dá umha volta na que se deixam à margem a reflexom estritamente teórica para adentrar-se na análise da história nacional, neste caso da galega. Assi analisa o tipo de relato elegido polos diferentes autores de histórias da Galiza, que na maior parte elegêrom o tradicional, analisa também como se entretecem os seus fios com os do arquétipo familiar usado na procura da etnogénese dos galegos, passa polos lugares comuns da historiografia galega... No final, acaba por deixar ao descoberto os elementos que constituem os temas do discurso histórico nacional da historiografia galega, que se mantém com as suas tergiversaçoms dentro do discurso sobre a naçom comum a historiografia europeia.

O livro oferece umha perspectiva do actual debate sobre o que é a história, o papel dos historiadores e os limites destes e aquela. Ao mesmo tempo, o autor brinda a sua própria visom dos pontos do debate, que vai entretecida com a exposiçom deste. A suas posturas concordam em muitos aspeitos com as dos pensadores posmodernos, se bem, a diferença daqueles, nom submete à crítica os valores éticos, senom que estes se tornam no ponto fulcral dos afazeres do historiador.